Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-075-9
Cadernos PDE

VOLUME II

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

Produções Didático-Pedagógicas

2013

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

Ficha catalográfica Produção Didático-Pedagógica	
Título	Leitura de imagem na contemporaneidade.
Autor	Mara Lucia Maçan.
Escola de Atuação	Colégio Estadual Joaquim Maria Machado de Assis
Município da escola	Santa Mariana-PR
Núcleo Regional de Educação	Cornélio Procópio
Orientadora	Dª Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza
Instituição de Ensino Superior	Universidade Estadual de Londrina - UEL – Londrina PR
Área do Conhecimento	Arte
Produção Didático-Pedagógica	Unidade Didática
Relação Interdisciplinar	
Público Alvo	Alunos do Ensino Médio
Localização	Santa Mariana- PR
Apresentação	Essa produção Didático-Pedagógica trata-se de uma Unidade Didática com objetivo de desenvolver atividades diversificadas sobre leitura de imagem na contemporaneidade.Tais atividades serão desenvolvidas com os alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Joaquim Machado de Assis de Santa Mariana – PR. As atividades realizadas serão organizadas em um portfólio particular, ou seja, uma pasta contendo toda a trajetória do aluno durante a implementação da Unidade Didática. O portfólio é um recurso individual que possibilita o próprio aluno a avaliar sua produção didática, seu desempenho, seu progresso, fazer anotações, colocar suas dificuldades, suas dúvidas e seus anseios, enfim, trata-se de um histórico de sua vivência acadêmica. Para o professor é uma forma de dinamizar a avaliação individual de seus alunos.
Palavras-chave	Arte, Leitura de imagem, Arte Contemporânea

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

Universidade Estadual de Londrina

PDE
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL - PDE

MARA LÚCIA MAÇAN

PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

LEITURA DE IMAGENS NA CONTEMPORANEIDADE

SANTA MARIANA – PARANÁ

2013

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL - PDE

MARA LÚCIA MAÇAN

LEITURA DE IMAGENS NA CONTEMPORANEIDADE

Produção Didático-Pedagógica apresentada à Universidade Estadual de Londrina (UEL) e à Secretaria de Estado de Educação do Paraná (SEED - PR) para o Programa de Formação Continuada intitulado Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), sob a orientação da Professora Dª Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza.

SANTA MARIANA – PARANÁ

2013

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Professor PDE: Mara Lucia Maçan.

Área PDE: Arte.

NRE: Cornélio Procópio - Paraná.

Professor Orientador / IES: Dª Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza

IES vinculada: Universidade Estadual de Londrina – UEL.

Escola de Implantação: Colégio Estadual Joaquim Maria Machado de Assis – Santa Mariana.

Público objeto da intervenção: Alunos do ensino Médio.

TEMA DE ESTUDO DO PROFESSOR PDE: Arte contemporânea.

TÍTULO: Leitura de imagem na contemporaneidade.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é derivado de minha vivência e experiência profissional. Tenho observado a falta de interesse e grande dificuldade dos alunos se relacionarem com obras de artes, especialmente da arte erudita, por outro lado esses alunos demonstram muita atração pelas imagens vinculadas pelas mídias da cultura de massa, apesar de não demonstrarem uma compreensão crítica frente a essas imagens.

A dificuldade dos setores públicos em reconhecer a necessidade de investimento em cultura como uma necessidade educacional e social é enorme e a falta de oportunidade dos alunos de acesso à cultura nos grandes centros são fatores que desfavorecem a aquisição de hábitos de apreciação artística e que, de certa forma, contribui para o analfabetismo visual.

De modo geral a comunidade e as escolas de Santa Mariana não tem acesso a cinema, teatro, museu ou a eventos significativos. O meio cultural mais acessível aos alunos é a televisão, o rádio e a internet, uma vez que os problemas socioeconômicos os excluem do acesso à cultura mais significativa. Para alguns o meio mais acessível à cultura fica restrito as salas de cinemas em centros maiores, como Londrina.

Se por um lado o acesso à cultura da maioria dos jovens e adolescentes da comunidade está vinculado aos meios de comunicação de massa, pois os problemas sociais e financeiros os impedem de frequentar centros urbanos maiores e grandes produtores de arte; por outro lado, no ambiente escolar pouco é oferecido, mas mesmo assim, as aulas de Arte, são para os alunos os momentos de trabalhos descontraídos, ainda restritos a apresentações cênicas de datas comemorativas, desenhos, pinturas, recortes, colagens, produção de cartazes ou, agora, com o meio ambiente em evidência, o trabalho manual a partir do lixo reciclável. As poucas opções oferecidas desmotivam os alunos e dificultam o acesso à obra de arte e a cultura erudita.

A questão é: como educar os alunos para se tornarem conscientes e críticos dos efeitos do mercado cultural? Como mediar à arte no aprendizado desses alunos?

Assim, a proposta desta Unidade Didática é proporcionar aos alunos meios para favorecer a leitura de imagem com um olhar crítico e reflexivo ante a obra de

arte erudita, popular e das imagens veiculadas pelas mídias da cultura de massa, vinculadas ao consumismo.

As atividades propostas nessa Unidade Didática serão desenvolvidas com os alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Joaquim Maria Machado de Assis (CEJMMA) de Santa Mariana PR e terão como base a Proposta Triangular da educadora Ana Mae, cuja metodologia enfoca de forma integrada o fazer artístico, a análise de obras e objetos de arte e a história da arte. Também na proposta da cultura visual de Hernández (2000) que propõe atividades ligadas à Arte para além das pinturas e esculturas, incorporando publicidade, objetos de uso cotidiano, moda, arquitetura, videoclipes e tantas representações visuais quantas o homem é capaz de produzir. Trata-se de levar o cotidiano para a sala de aula, explorando a experiência dos estudantes e sua realidade.

Leitura de imagem na contemporaneidade

A arte pode ser considerada como forma mediadora de enfrentamento dos problemas do cotidiano escolar. Não se trata de uma disciplina isolada, ou parte específica de um campo do conhecimento, trata-se de conceitos e de ideias no campo da educação escolar que, segundo Hernández (2000) precisa de novos parâmetros, uma vez que a escola atual, responde em boa parte a problemas e necessidades do século. Para o autor “a arte, como parte da cultura visual, atua, sobretudo, como um mediador cultural” (2000, p.52) e pode ser uma forma de contribuição para a compreensão do ser humano, do ambiente e das crescentes transformações do mundo.

Para Hernández (2000) essas transformações colocam o campo de estudo como sendo móvel, porque cada novo dia são incorporados e descartados aspectos relacionados tanto às representações quanto aos artefatos visuais. Na perspectiva do autor não há receptores nem leitores, mas construtores e intérpretes, de acordo com as experiências que cada indivíduo experimenta em seu cotidiano.

A cultura visual não pode ser tratada como um tema comum quando se observa com atenção as alterações no modo de gestão dos museus, por exemplo, “que atuam cada vez mais como espaços de consumo e, portanto, de produção de valores e produtos culturais (e de mercadotecnia) diversificados em função dos diferentes tipos de públicos potenciais.” (HERNÁNDEZ, 2000, p.27).

> Falar da compreensão da cultura visual torna-se ridículo num momento em que o que parece contar são as guerras políticas e econômicas do mundo das comunicações, quando se trata de determinar quem vai controlar e colocar a seu serviço os benefícios do mercado da globalização na qual seus interesses irão circular por todo o planeta sem travas nem concorrência. (HERNÁNDEZ, 2000, p.27).

Através de um posicionamento crítico é possível buscar compreensão para o que permeia o cotidiano. Assim:

> A posição crítica favorece a autorreflexão sobre esse processo de influências, sobre os olhares em torno de si mesmo e do que o cerca. No caso da Arte, no seu ensino se trata de levantar questões sobre temas, ideias-chave, como a mudança, a identidade, a representação de fenômenos sociais, e ajuda a indagar como essas concepções afetam a cada um e àqueles que os cercam (HERNÁNDEZ, 2000, p.106).

Duncun (2003) propõe alguns recursos para trabalhar a cultura visual em ambientes de aprendizagem e sugere que o trabalho deva ser realizado utilizando artefatos visuais desde fotografias pessoais aos suvenires da cidade. Outra forma de trabalho da cultura visual seria o aproveitamento das atividades culturais dos meios de comunicação de massa como a televisão, o rádio, internet e outros, porque estão presentes no cotidiano dos alunos e por serem estes, talvez, os únicos meios de acesso à cultura, seja como informação, propaganda ou entretenimento. São veículos produtores de cultura que transmitem mensagens, informações e influenciam o modo de agir, de pensar e sentir.

As culturas midiáticas também representam poder. Tem-se a sensação de que algum fato que está na mídia, está relacionado às condições sociais e econômicas dos sujeitos e claramente influencia seus hábitos através de uma estratégia de marketing (EFLAND, 2005).

> A indústria cultural pode ter apelo instantâneo, mas seu público pode ser totalmente inconsciente de como ele pode ser manipulado por tantas indústrias culturais como MTV, Time Warner e Disney, que impõem formas e ideologias culturais para integrar audiências numa ordem social existente. Como muitos críticos pedagógicos insistem ‘a cultura popular torna-se mercadoria e produz pessoas à imagem de sua própria lógica, uma lógica caracterizada pela padronização,

> uniformidade e passividade' (FREIRE e GIROUX). Ao mesmo tempo, ela tende a reforçar uma dominância sexista, racista, e os estereótipos culturais, impondo visões da realidade que autorizam alguns grupos às custas de outros (EFLAND, 1999, p.4).

Neste sentido, o trabalho de arte desenvolvido na escola aparece como oportunidade para o aluno vivenciar, compreender, sentir a realidade social contemporânea, fazer reflexões no contexto onde está inserido e exercer seu papel de cidadão.

> Nas aulas de Arte, os conteúdos devem ser selecionados a partir de uma análise histórica, abordados por meio do conhecimento estético e da produção artística, de maneira crítica, o que permitirá ao aluno uma percepção da arte em suas múltiplas dimensões cognitiva e possibilitará a construção de uma sociedade sem desigualdades e Injustiças (PARANÁ, 2008, p.53).

Nesta perspectiva devemos observar a diversidade do mundo contemporâneo, pois nela a Arte Contemporânea tem importância crescente, principalmente, nos grandes centros urbanos e aos poucos começa a tomar espaço nas demais regiões com efetiva ascendência (FAVARETO, 2003).

Assim, a arte constrói numerosas representações do mundo, as quais podem ser sobre o mundo real ou sobre mundos imaginários, inexistentes, mas a inspiração humana continua podendo criar uma realidade diferente para cada um deles. "[...] As artes são importantes pedagogicamente porque espelham essas representações de forma a que possam ser percebidas e sentidas" (EFLAND, 2005, p. 9).

Na proposta de ensino da arte na contemporaneidade é importante o professor compreender e direcionar realidade cultural e social do sujeito a fim de conscientizá-lo ou não, dos efeitos desse mercado cultural (SANT'ANNA, 2009).

Efland afirma:

> As obras de arte apresentam à nossa percepção formas de sentir criadas pelos artistas, tornando-as disponíveis para cognição. Ensinamos arte não meramente para capacitar crianças a fazerem quadros artisticamente, ou para determinar se um objeto é suficientemente bom para justificar a apreciação e o reconhecimento, mas para capacitar os estudantes a penetrar na essência de uma obra de arte. A compreensão é atingida através da interpretação de tais obras, onde a obra é vista em relação ao contexto em que está situada. (EFLAND ,1999, p.12)

Desse modo, se as crianças, os nossos alunos forem deixados fora desses dispositivos, provavelmente não serão capazes de determinar e de julgar a arte de seu tempo.

METODOLOGIAS FUNDAMENTADAS

O processo de educação do olhar, e do ensino/aprendizagem de modo geral deve ser mediado pelo educador sempre partir de uma abordagem problematizadora instigando, a reflexão respeitando as interpretações e julgamentos do aluno. A contextualização de uma leitura de obra de arte não tem a obrigatoriedade de limitar-se a biografia do artista ou a história da arte. A partir do fazer artístico espera-se proporcionar uma vivência e experiência durante toda a produção de modo a tornar o a aprendizagem completa e significativa

A proposta triangular é a base da maioria dos programas em Arte-educação no Brasil e consiste no apoio do programa de ensino de Arte em três abordagens para efetivamente construir conhecimentos em Arte: Contextualização histórica (conhecer a sua contextualização histórica); Fazer artístico (fazer arte); Apreciação artística (saber ler uma obra de arte). Trata-se então da leitura da obra, leitura do contexto da obra e fazer artístico. Raramente as três dimensões são abordadas juntas.

A principal referência da proposta de Barbosa é a pedagogia de Paulo Freire que também propõe uma abordagem triangular no processo de aprendizagem e seus pontos principais são: leitura de mundo, conscientização crítica a partir da contextualização da realidade dos educandos, e agir para transformar, ou seja, fazer.

É interessante lembrar que apesar de Freire nunca ter se referido diretamente ao ensino da arte, ele se valia de leitura de imagens do cotidiano em suas práticas pedagógicas na zona rural e a partir de abordagem problematizadora no contexto sociocultural. Freire usava imagens e palavras desconstruídas e decodificadas gerando outras palavras ligadas ao cotidiano. Assim, os educandos se conscientizavam e se reconheciam como produtores de cultura deixando de ser pessoas com pensamento e postura de inferioridade diante da classe dominante.

Em sua proposta, Barbosa vê a arte como uma construção histórica social e cultural e aplica os ensinamentos do mestre explorando as potencialidades e

possibilidades pedagógicas de forma atualizada, numa visão que transpõe a arte pensada em seu ensino e sua história articulada com o **ler arte** que se baseia na descoberta da capacidade crítica dos alunos; **fazer arte:** consiste em estimular o fazer artístico, trabalhando a produção artística, como interpretação, transformação e criação e; Contextualizar Arte, ou seja inter-relacionar a História da Arte com outras áreas do conhecimento. Essas três ações básicas se apresentam como relevantes desde o início da escolarização, ou seja, na Educação Infantil; Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos.

Hernández propõe a alfabetização visual. Esse novo conceito de ensino da Arte permitirá ao aluno conhecer melhor a sociedade em que vive, interpretar a cultura de sua época, tomar contato com a cultura de outros povos e, assim, ao apreciar uma imagem ele vai descobrir as próprias concepções e emoções. Cabe ao professor subsidiar o olhar curioso de modo que o seu aluno desvende, interrogue e produza alternativas frente às representações do universo visual (GENTILE, 2013).

O ponto de partida para quem quer trabalhar a cultura visual é ficar atento ao mundo à sua volta. Conhecer os objetos que fazem parte da realidade dos alunos e perceber quais são importantes para eles, e a partir dessa realidade desenvolver atividades planejadas de acordo com a proposta do projeto pedagógico da escola. Hernandez (2004) sugere que o professor escolha temas de estudos que dê ênfase às imagens que façam sentido para os estudantes. Temas inquietantes relacionados a outras culturas, com valores comuns, e abertos a várias interpretações.

Segundo Hernández (2004), para desenvolver a perspectiva de uma compreensão crítica e performativa da cultura visual, várias questões cruciais devem ser consideradas no momento de colocá-la em prática:

- as experiências de vida dos estudantes, referentes às manifestações da cultura visual, não são para serem pedagogizadas, mas para se fazerem relações com questões de investigação;
- a satisfação que os estudantes sentem com a cultura visual ou que esta lhes propicia em suas vidas, não é um aspecto a ser recriminado ou reprimido, mas a ser transformado em questões sobre o papel que desempenha na construção de suas subjetividades;
- sobre as interpretações que os estudantes estabelecem relacionadas a cultura visual, não se pode definir que ‘vale tudo’ e que qualquer coisa que seja dita ou representada por eles seja motivo de aplausos;

- cuidar para que os estudantes aprendam a fundamentar suas interpretações, que tenham suporte para uma análise crítica da cultura visual, de modo que possam conviver com diferentes manifestações visuais a partir de posições que lhes possibilitem assumir novos desafios, fazer contestações e diferentes relações (HERNÁNDEZ, 2013, p. 4).

Desse modo há uma oferta objetiva para dar oportunidades aos aprendizes de refletir sobre a maneira de como as manifestações da cultura visual refletem nas relações de poder, de modo a capacitá-los para exercer uma posição ativa na tomada de decisão ou de estabelecer resistências ante as diferentes possibilidades disponíveis.

O PORTFÓLIO

Segundo Vieira (2002), as mudanças ocorridas na concepção de ensino e aprendizagem nos últimos anos repercutiram no campo das avaliações escolares. O saber não pode mais ser considerado como algo estático e muito menos ser exclusividade da escola. É muito grande o volume de informações que ocorrem e são difundidas, com rapidez, a cada momento pelos meios de comunicação.

Em educação, o portfólio significa em sua essência, uma pasta individual cumulativa contendo todos os trabalhos realizados em uma disciplina ou em um curso, ou seja, provas, exercícios, opiniões, dúvidas, dificuldades, registro de suas reflexões e impressões sobre a disciplina ou curso, opiniões, dúvidas, dificuldades, entre outros, que permite construir, entre outras coisas, o perfil acadêmico do aluno (PERNIGOTTE *et all*, 2000).

Diversos autores afirmam que portfólio é como um local para colecionar todos os passos percorridos pelo aluno ao longo da trajetória de sua aprendizagem.

Para Marcelo *apud* Seiffert portfólio é um

> Documento estruturado em que alunos estagiários descrevem e procuram analisar experiências significativas que tenham tido antes e durante sua formação. Incorpora uma série de tarefas reflexivas ao longo do período formativo, que pode incluir um registro biográfico das experiências como estudantes, registros escritos de suas experiências em diferentes cursos, diário de acontecimentos significativos etc.(MARCELO *apud* SEIFFERT, 2001, p. 03).

Trata-se de um instrumento personalizado de avaliação cuja estrutura e conteúdo diferem, mesmo quando produzido num mesmo contexto escolar e requer na sua composição os seguintes requisitos: capa, sumário, introdução, o processo e produtos da aprendizagem, plano de ação e, parecer do professor.

> Assim organizado e integrado à cultura escolar, o portfólio poderá trazer contribuições significativas para o envolvimento consciente do aluno em seu processo de formação e possibilitar o conhecimento da complexidade e particularidade do ensino e da própria missão institucional (SEIFFERT, 2001 p. 07).

Os componentes e os passos para a composição do portfólio são descritos com clareza por Hernández (2000) no artigo de Vieira (2002). São eles: o estabelecimento do objetivo do portfólio por parte do docente; o estabelecimento das finalidades de aprendizagem por parte de cada estudante; a integração das evidências e experiências de aprendizagem; a seleção das fontes que comporão o portfólio e a reflexão do estudante acerca de seu próprio desenvolvimento. Ressalta-se que o estudante deve ter um propósito, ou seja, criar, recolher e organizar todo material que evidencie o seu progresso, de tal forma que demonstre sua avaliação em relação às finalidades estabelecidas. Há, também, que haver um lugar onde será colocado todo o material produzido para o portfólio, que é denominado continente. Esse continente pode adquirir diferentes modalidades, como caixa, cartaz, pasta, CD-ROM, etc.

Os estudiosos do assunto acreditam que o portfólio é um instrumento de comunicação entre aluno e professor, porque serve de base para a análise conjunta do documento. Desse modo, o professor tem condições de compreender todo o processo de construção de conhecimento de seus alunos e, também, corrigir possíveis distorções em suas ações em sala de aula.

AÇÕES PROPOSTAS

Antes de iniciarmos a intervenção propriamente dita, vamos fazer uma sondagem sobre a condição dos alunos em relação às imagens, assim, serão levadas diversas imagens para que cada dupla de alunos escolha três delas e

justifique o porquê da escolha. Com base nos argumentos dos alunos serão escolhidas as imagens para o encontro seguinte.

A Unidade didática se desenvolverá a partir das imagens, assim, serão trilhados os seguintes percursos:

1) Apresentação de imagem;
2) Análise e interpretação das imagens;
3) Produção pelos alunos; e
4) Avaliação (Portfólio)

Para que fique mais claro o que serão as ações propostas acima vamos esclarecer cada uma delas. Assim, a **apresentação da imagem** será uma escolha do professor no sentido de promover uma curadoria educativa, isto é, levar para a sala de aula imagens que possuam alguma relação entre si, mesmo que sejam diferentes fontes, tais como, obras de arte, fotografias jornalísticas, imagens de propagandas, etc. O objetivo desta primeira ação é estimular o olhar atento, cuidadoso, que não deixa escapar nada.

A **análise e interpretação da imagem** envolve tomadas de posição de cada aluno e a mediação do professor a fim de auxiliar os alunos a construírem uma linha de raciocínio, relacionando com suas vivências dentro e fora da escola, relacionando com outras imagens, não importando qual seja a fonte.

Para complementar essa interpretação o professor trabalhará junto com os alunos a contextualização histórica de modo que compreendem as ideias presentes nesse contexto e como o artista se relaciona com elas.

Produção pelos alunos é o momento em que os alunos farão escolhas para a produção artística após todo esse contato com as obras, a contextualização histórica, as opiniões dos colegas e as observações do professor. Vale lembrar que será solicitado aos alunos que cada um construa o seu portfólio contendo todos os apontamentos, bem como, desenhos, estudos, fotografias e tudo o mais que a análise das obras tiver suscitado neles.

A **Avaliação** será sobre os portfólios produzidos, já que o seu uso pode ser uma estratégia para atender à necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a relação ensino e aprendizagem. Isso garante aos alunos e aos professores uma compreensão daquilo que foi vivenciado individualmente a partir dos estímulos apresentados pelo professor.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Amália Bastos; **Releitura, citação, apropriação ou o quê?** Capítulo 5 – Arte/Educação Contemporânea; Ana Mae Barbosa. Cortez- SP, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte** – 2ª ed.; São Paulo, Cortez, 2003.

_____. **Arte/Educação Contemporânea.** São Paulo: Cortez, 2005.

DUNCUN, P. **Cultura Visual na Sala de Aula**. Educação Artística, Vol. 56, março 2003.

EFLAND, Arthur. **Cultura, sociedade, arte e educação num mundo pós-moderno**. In: GUINSBURG, Jacó; BARBOSA, Ana Mae (Org.) **O pós modernismo.** São Paulo: Perspectiva, 2005.

EFLAND, Arthur. Cultura, sociedade, arte e educação num mundo pós-moderno **- II Encontro – SESC**: São Paulo, 1999.

FAVARETO, Celso. O evento, Arte do tempo. **Revista Sexta Feira**. São Paulo Vol. V. Era, 2003.

GARDNER, H. **Educación Artística y Desarrollo Humano**. Barcelona: Pai dós, 1994.

GENTILE, Paola. **Um mundo de imagens para ler**. Disponível em <http://revista escola.abril.com.br/arte/fundamentos/mundo-imagens-ler-426380.shtml> Acesso em 12/10/2013.

HERNANDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

MARCELO, C. Pesquisa sobre a formação de professores – o conhecimento sobre aprender a ensinar. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 9, p.51-75, set/out/dez, 1998.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica/Arte**. Curitiba: SEED, 2006.

PERNIGOTTI, Joyce Munarski. O portfólio pode muito mais do que uma prova. **Revista Pátio** – ano 3/nº 12 fev/abril 2000. Páginas 54/55/56

SANT'ANNA, Renata. **Saber e ensinar arte contemporânea**. São Paulo: Panda Books, 2009.

SEIFFERT, Otília Maria Lúcia Barbosa. Portfólio de avaliação do aluno: como desenvolvê-lo? **Olho Mágico - Vol. 8** - Nº 1 jan./abr.2001

VIEIRA, Vânia Maria de Oliveira. **Portfólio:** uma proposta de avaliação como reconstrução do processo de aprendizagem. Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), 2002.